

CASTRO ALVES

OBRA COMPLETA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO SESQUICENTENÁRIO

Organização, Fixação de texto e Notas de
EUGÊNIO GOMES



RIO DE JANEIRO, EDITORA NOVA AGUILAR S.A., 1997

OH-T. 2
AULA 05 - 06 cópias

P. S. — Mando-te um *Correio Mercantil*; procura os dois últimos folhetins do *Diário do Rio de Janeiro* e um artigo de fundo do mesmo jornal, que me diz respeito (de 16 a 24).

A JOSÉ DE ALENCAR

(Rio de Janeiro, 1868.)

Ex.^{ma} Am.^o Sr. Conselheiro — Escrevo a V.Ex.^a para manifestar o meu reconhecimento pela magnífica apresentação do meu pequeno trabalho. V.Ex.^a é grande, por consequência tem a prodigalidade de um milionário de glórias. Mas para que dizer palavras? A carta de V.Ex.^a, àquele diploma literário eu só posso responder de uma maneira digna de mim e do meu ilustre mestre, é fazendo com que um dia, à força de trabalho, possa ver realizada, senão todas, ao menos parte das profecias benévolas de V.Ex.^a. Trabalhar — é o meio que empregarei para ser digno do meu ilustre mestre. — E agora tenho a pedir-lhe perdão de não ter ido receber pessoalmente as ordens de V.Ex.^a. Repellido pelo teatro do Furtado, mas depois de capciosas delongas, lutando depois para a publicação do meu drama, tive os dias uns após outros de tal sorte ocupados de "nada" que não pude receber a honra de ir cumprimentar a V.Ex.^a. — Entretanto peço a V.Ex.^a que aceite as minhas despedidas, e apresente as minhas considerações à Ex.^{ma} família. — Agora permita-me V.Ex.^a que me assine com toda efusão d'alma. — De V.Ex.^a muito amigo, muito admirador, muito agradecido — CASTRO ALVES.

A LUÍS CORNÉLIO DOS SANTOS

São Paulo, 20 de março de 1868.

Meu caro Luís Cornélio. — Esta carta tem dois fins: 1.^o Saber da tua saúde e de tua Ex.^{ma} família. 2.^o Pedir-te um obséquio. — Devo dizer-te que aqui chegamos com felicidade. Estou na Academia, ouvindo o grande José Bonifácio. A companhia do Furtado tem desagradado, e o repertório tem sofrido as maiores críticas. A Sra. D. Eugênia tomou posse do teatro de São Paulo, para onde devem vir alguns artistas do Rio. A empresa promete muito; creio que para o mês irá o meu drama à cena. (E, a propósito de drama, que é da cópia? Ainda não foi ao correio. Escreve-me?) — Mas entremos na questão. Entre estes artistas deve

vir o Pimentel. Quais as condições que ele apresentará, não o sabe a D. Eugênia; mas preciso é que ele aqui esteja, o mais breve possível. Entretanto, em meio de outros obstáculos, pode o Pimentel apresentar a necessidade de dinheiro para passagem. Como, porém, talvez ele de tal não precise, julguei inútil mandá-lo, contando, caso lhe seja necessário, que tu lhe forneças a quantia precisa para uma passagem até aqui. Ao Senhor Pimentel, pois, espero que dê, mediante um recibo, a quantia que por ele razoavelmente for pedida, devendo tu, imediatamente, me participares disto por carta, para poder logo te reembolsar. — Vamos a outro assunto. Como é possível que eu tenha cartas dirigidas para o Rio, vê-mas aí no *Correio*, e envia-mas. — E agora devo fechar esta carta, comercial, prometendo para outra vez ser mais espiritual. Adio, pois. Recomendações à Ex.^{ma} Sr.^a, e aos teus meninos; lembranças ao Pedro Coelho, e a quem de mim se lembrar e recebe o abraço do teu do coração. — CASTRO ALVES.

AO MESMO

São Paulo, 30 de março de [18]68.

Meu caro Luís — Abraço-te e agradeço a bondade de meu caro amigo. Recebi a tua carta de 24 do corrente, à qual apresso-me a responder. — Vejo o que me dizes a respeito do meu drama. Vê se é possível apressar a cópia do nosso amigo Pedro Coelho, visto como recebi, ao mesmo tempo que a tua, a carta do editor, na qual me diz ele que tem toda a pressa em começar a publicação; nesta ocasião não posso responder à carta dele, porém, como naturalmente irás até lá, incumbo-te de lhe dizeres: 1.^o, que dirija as cartas, às provas e os prospectos ao Hotel d'Itália; — 2.^o, que o meu prólogo tem de ir antes dos juízos do Machado e do Alencar; — 3.^o, que a edição deve ser em oitavo francês, ou maior. — Agora tratemos de outro assunto. Dizes-me que o Pimentel talvez não venha. Ainda não te entendeste com ele? Já lhe disseste que será o 1.^o galã da Companhia? Naturalmente ele a estas horas deve ter procurado; se o não fez, vai vê-lo depois de empregares todos os meios para que ele venha imediatamente (isto é, pelo primeiro vapor), dize-lhe que lhe guardo o papel do *Gonzaga*, que a empresa conta ótimos artistas, tem uma grande assinatura, e tudo isto está sonente à espera dele, que deve estreitar nos — *Miseráveis* — onde me disseste que ele brilha... — Farás também entrega de uma passagem ao Sr. Eduardo Álvares da Silva, que vem para aqui como 2.^o galã. São as duas figuras precisas. — Agora devo-te dar uma

grande novidade. Estou vingado!... o Furtado levou uma formidável e estupenda pateada, juntamente com o seu — remorso vivo — e a sua Ismênia!... — Imagina que no 4.º ato foi tal a vaia na entrada em cena dele, que três vezes voltou desorientado e com a cabeça perdida para os bastidores, sem poder dizer uma palavra!! etc., etc., etc. — D. Eugênia manda-lhe muitos e muito leais agradecimentos e acrescenta que espera pessoalmente mostrar-lhe a sua gratidão juntamente com a minha, e mais seis gangas na ilha de Paquetá! — Agora o que mais te devo dizer? Só me resta pedir-te que apresentes a minha consideração e respeito à tua Ex.^{ma} Sr.^a e filhos, e que aceites o abraço apertado do teu do coração. — CASTRO ALVES.

AO MESMO

S. Paulo, 10 de abril de [18]68.

Meu caro Luís — Escrevo-te à pressa. Recebi a tua carta de 4 do corrente. Vejo que és sempre o mesmo amigo. Obrigado!... Faze vir, se for possível, o Monclar e o Pimentel. A Companhia está completa e formada, sob ótimos auspícios. O Barão de Iguape pôs à disposição da Empresa todo o dinheiro preciso. Está-se aquilando por teatro. Manda o drama pelo Monclar (o *Gonzaga*). Põe estas duas cartas no correio aí, pois receio que indo daqui, diretamente, se extraviem. — No dia 25 vai à cena *Os Miseráveis*. O Teatro aqui rende 1:800 mil-réis por noite. — Adeus. Recomendações à tua Ex.^{ma} Sr.^a. Desculpa-me se te incomodo tanto, mas tenho tanta fé na tua amizade, que te creio meu irmão. Adeus. Recebe um abraço do teu do coração. — CASTRO.

P. S. — D. Eugênia se te recomenda e agradece. Pelo primeiro vapor te escreverei mais longamente. O portador desta é um colega meu, o Dr. Braga.

A AUGUSTO ÁLVARES GUIMARÃES

S. Paulo, abril de [18]61.

Meu caro Augusto. — Eis-me em São Paulo, na terra de Azevedo, na bela cidade das névoas e das mantilhas, no solo que casa Heidelberg com a Andaluzia... — Nós os filhos do Norte (consente este norte; sabes que é palavra relativa) sonhamos São Paulo o ois da liberdade e da poesia plantado em plenas campinas do Ipiranga... Pois o nosso sonho é realidade e não é realidade... Se a

poesia está no envergar do ponche escuro e largar-se campo fora a divagar perdido nestes *gerais* limpos e infinitos como um oceano de juncos; se a poesia está no enfumaçar do quarto com o cigarro clássico, enquanto lá fora o vento enfumaça o espaço com a *garoa* (é uma névoa espessa como nuvem que se arrastasse pelas ruas), com a *garoa* ainda mais clássica; se a poesia está no espreitar de uns olhos negros através da rótula dos *balcões* ou através das rendas da mantilha que em amplas dobras esconde as formas das moças, então a Paulicéia é a terra da poesia. — Sim! porque aqui não há senão frio, mas frio da Sibéria; *cinismo*, mas *cinismo* da Alemanha; casas, mas casas de Tebas; ruas, mas ruas de Cartago... (por outra) casas que parecem feitas depois do mundo — tanto são desertas... — Isto quanto à poesia. Quanto à liberdade, ela, se está mais desenvolvida em certos pontos, em outros acha-se mais restrita. Entretanto inclino-me a preferir São Paulo ao Recife. — Mas... basta de descrições. Ocupemo-nos de nós. Antes de tudo uma queixa — não me tens escrito, apesar de ser esta a terceira carta que te faço. — Depois permite que te pergunte se recebeste o livro sobre a Escravidão. Mande-o levar pelo Alseman (*assim pronuncia-se pelo menos o nome dele*), que foi para a Bahia no dia posterior ao do recebimento de tua carta. — A propósito do livro, conversemos. Devo dizer-te que os meus *Escravos* estão quase prontos. Sabes como acaba o poema? (Devo a São Paulo esta inspiração). Acaba no alto de serra de Cubatão, ao romper da alvorada sobre a América, enquanto a estrela da manhã (lágrima de Cristo pelos cativos) se apaga pouco a pouco no ocidente. É um canto do futuro. O canto da esperança. E nós não devemos esperar? Sim, e muito e sempre... Mais tarde dar-te-ei a explicação deste enigma das minhas crenças. Entretanto trabalha! Talvez em breve possas fazer muito pela *nossa idéia*. Escreve o teu livro. É verdade! Devo dizer-te que houve aqui um brilhante sarau literário. Pianistas, cantoras, oradores, valsadores, virtuosos, etc., etc. Foi uma bela reunião, quase um baile. Aí me achei e, entre amigos, se algum dia obtive um triunfo não foi noutro lugar. — Recitei uma poesia logo no princípio da sessão e... fui extremamente feliz. Muitos lentes da Academia lá se achavam, o Saldanha Marinho, etc., e todos me receberam de maneira mais lisonjeira. Imagina que até a senhora do Consul inglês (uma inglesa, meu caro!) veio entusiasmada dizer-me: "Mim gostar muita da sua recitativa"!... E depois fizeram-me recitar "As Duas Ilhas", e depois "A Visão dos Mortos", todas bem acolhidas. Os jornais de São Paulo, se quiseses ler, de 30 ou 29 de março, publicaram-nas precedidas de algumas palavras. — O que queres? Em toda parte tenho encontrado uma pátria, menos na Bahia... na terra dos O O O Rabelos e B B B Barretos!...

mas que importa? Não é verdade que estes sandeus não são capazes de fazê-la odiar? — Passemos adiante. — Então V.Ex.^a tomou a palavra na Assembléia, brilhou, e nem sequer mandou-me a sua eloquência em letra redonda? É demais! Entretanto fique sem exemplo. — A preguiça, que para mim é uma couraça contra as arguições dos amigos, para ti de nada serve. Agora devo concluir. Escrevo-te à noite. Faz frio de morte. Embalado estou embuçado no capote, e esganado no *cachevez*... Homem feliz que tu és, Augusto! A estas horas, suas à fresca nos lençóis de linho, enquanto eu estou gelado com as meias de lã... — Olha, se leres poesias nebulosas, germânicas, tiritantes, híbridas, acéfalas, anômalas... não critiques nunca antes de ver se são de São Paulo, e se foram... cala-te. — São Paulo não é o Brasil... é um trapo do pólo pregado a goma arábica na falda da América (como diria o Tobias). — Adeus, meu caro Augusto, recebe um abraço do teu do coração. — CASTRO.

A LUÍS CORNÉLIO DOS SANTOS

S. Paulo, 25 de maio de [18]68.

Meu caro Luís Cornélio. — Muita saúde. Muita felicidade e à Ex.^{ma} família. Escrevo-te à pressa. — D. Eugênia te escreveu largamente. Tudo quanto por ela fizeres é mais do que se fosse a mim. — Dize ao tal editor que eu no prólogo, que já está pronto, tenho de citar pedaços do drama, que não tenho obrigação de saber de cor. Demais, quando vendi-lhe o drama por uma miséria, foi exigindo cópia que não pode negar. É demais... Publique o drama, se quiser, sem prólogo, mas não me queira fazer perder um conto, por causa de 200 réis. — É verdade. O nome do Salgado é Vitor Augusto Monteiro Salgado. Agora um, dois e muitos e muitos abraços do teu do coração. — CASTRO ALVES.

As comédias de D. Eugênia?

AO MESMO

S. Paulo, 24 de agosto, [de 18]68.

Meu caro Luís Cornélio. — Parabéns pelo feliz nascimento de teu filhinho. Bem vêes, dou-te os parabéns sem que me houvesses participado cousa alguma; mas o Palhares, que aqui esteve, e que assim me deu uma agradável surpresa, contou-me este feliz acontecimento, pelo qual eu me apressei em te felicitar. — Obrigado pela remessa que me fizeste do 1.º ato do *Gonzaga*; veio ele com a

precisão que sempre tens, por tua bondade, em obsequiar um amigo. Pois creio, meu Luís, que — *post tantos tantosque* — vai o meu drama à cena. Bem? Não sei se bem, mas creio vencida uma grande dificuldade, pois aqui temos um *Gonzaga*: é o Sr. Costa, moço que debuta nestes dias, e que junta uma agradável figura a um agradabilíssimo talento. — Acusas-me de não te haver escrito, pois faço-o agora, e acrescento a isto o fato de te ir incomodar. Trata-se do seguinte: 1.º Possui esta terra de São Paulo estúpidos alfaiates. 2.º Preciso de algum fato do Rio. Far-me-ás o obséquio de ir a casa do Sr. João Francisco Rabelo, Rua do Ouvidor n. 104, e dizer-lhe que a minha pessoa tem mais ou menos as mesmas proporções físicas de Cardoso de Meneses, (estudante aqui) filho do Dr. Cardoso de Meneses, pessoa daí muito conhecida, cuja medida ele tem. (Digo que este alfaiate tem a medida do Cardoso filho). Pode, pois, por ela, regular-se na confecção da roupa de que te falo, e que deve constar de 1 paletó preto, um dito de casimira, duas calças e dois coletes de casimira, sendo uma clara e outra escura (fica *ad libitum* de ti a escolha). Peço-te toda e toda a pressa na remessa, se for possível logo no vapor imediato, pois me será precisa até talvez o 7 de setembro. Manda antes dizer o que custa, para te enviar. — Adeus. Bem vêes que te escrevo e até te maço; a culpa é tua. Para outra vez espero que não me pedirás que... te importune. Adeus, lembranças ao Pedro Coelho; aceita muitas recomendações de D. Eugênia. Apresento os meus protestos de estima à tua Ex.^{ma} Sr.^a e quanto a ti, crê que sou teu do coração. — CASTRO ALVES.

AO ATOR JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO DE SOUSA

S. Paulo, 25 de setembro de 1868.

Meu caro e ilustre Artista. — Escrevo-lhe antes de tudo, para dar-lhe os meus parabéns entusiásticos e manifestar-lhe o prazer que sinto por ter podido enfim conhecer o mais glorioso artista da cena brasileira, cujo nome de há muito chegara a mim coberto de aplausos, mas não de tantos quanto merece e d'alma neste instante lhe dou. — Agora conversemos sobre o nosso *Gonzaga*, nosso, sim! porque ele amanhã será tão seu quanto meu, seu pelo direito da criação artística, meu apenas pelo direito da invenção dramática... mais seu ainda porque há de dar-lhe alma, ao passo que eu apenas dei-lhe corpo (permita a expressão). — Leu-o? Julga-o digno de si? — Não o creio; mas conheço também que o olhar do artista descobre no mais insignificante tecido dramático coisas que os profanos não enxergam; e depois, quem sabe lá (mes-

mo o autor) se o gênio aí onde há muita vez um chão liso e vulgar, não descobre uma arena brilhante onde o seu poder se ostenta? Deve haver mesmo estes orgulhos do talento. — Fazer de nada — tudo. Do pequeno — grande. Do insípido — sublime. — Como quer que seja, inclino-me a crer que honrará o meu *Gonzaga*. Nesta hipótese, pois, conversemos um instante. — Sabe que o meu trabalho precisa de uma platéia ilustrada. Precisa talvez mesmo de uma platéia *acadêmica*. O lirismo, o patriotismo, a linguagem creio que serão bem recebidos por corações de vinte anos, porque o *Gonzaga* é feito para a mocidade. Mesmo talvez este desnortear-me do trilha e estilo seguidos lhe seja mérito perante tal público. Por que não o levaremos já? O quinze de outubro está a bater às portas e a chamar os espíritos para os sonhos das férias, a dar cabo dos jornais acadêmicos, e mandar-nos pensar nos malditos *atos*. — Aproveitemos o nosso público. Há talvez porém dificuldades para a Empresa. Se esta é a razão, eu me incumbirei de montar o drama. Demais acresce que, julgo, breve terei de ir ao Rio tratar de um negócio meu. Quanto não perderei então não ouvindo-o no meu trabalho. — Enfim, concluindo, devo confessar-lhe que tenho mesmo impaciência de apreciá-lo, impaciência de vê-lo dar vida e alma a estas pálidas sombras que um dia criei de coração, e cuja caricatura na cena da Bahia deu-me ímpetos de atirar ao fogo como as mães da China o fazem com os filhos — monstruosos. — Aperto-lhe aqui a mão, contando desde já que meu pedido não seja indiscreto; se o for, porém, a culpa é do seu talento que me encheu de desejos de que me emprestasse um pouco de sua glória para o meu escrito. — Creia que sou seu muito admirador — CASTRO ALVES.

A LUIS CORNELIO DOS SANTOS

S. Paulo, 4 de novembro de 1868.

Luís, meu caro amigo. — Há séculos que não me escreves. Não terás recebido cartas minhas? Ou tens tido preguiça? Como quer que seja, o passado é o passado, e a esta peço-te que respondas. — D. Eugênia escreveu ao Vasques. Trata-se de levar o *Gonzaga* no Eldorado... fazendo o papel de protagonista o Joaquim Augusto. Creio que será um grande negócio para o teatro, visto como é a estréia de dois grandes artistas retirados há muito tempo da cena do Rio de Janeiro, e a representação do meu drama, que tanto movimento fez na Imprensa e que aqui, na última prova, a da cena, acaba de obter um sucesso imenso, um verdadeiro triunfo. — Peço-

te pois que procures o Vasques e o excites a aceitar o negócio proposto, que espero lhe será muito vantajoso. Escreve-me imediatamente. — Adeus. Recomendações à tua Ex.^{ma} Sr.^a e aos pequenos. Sou sempre o teu amigo do coração. — CASTRO ALVES.

P. S. — Trate disto ao menos por interesse de algumas gangas que a D. Eugênia se compromete a dar no mestre.

AO MESMO

Meu caro Luís. — Estou, há 20 dias, de cama, de um tiro que dei em mim, por acaso. Este desastre caiu-me na pior ocasião. Bem vêes que eu não podia escrever, e nem mandar por outro escrever para minha família isto, e só alguns dias depois é que tive portador seguro que foi à Bahia para explicar tudo, sem que em casa fiquem muito aniquilados. — Como quer que seja, só daqui a um mês terei dinheiro, o que muito me incomoda. Visto que estou com grandes despesas, e em constantes consultas, conferências, e etc. Manda-me algum dinheiro se puderes. — Estou exausto. — Recomendações à Ex.^{ma} Sr.^a. Lembranças aos pequenos e um abraço apertado do teu velho amigo e baleado. — CASTRO ALVES.

AOS AMIGOS DE S. PAULO

Rio de Janeiro, 25 de maio de 1869.

Eis-me na corte há quatro dias, eu, pobre inválido, que não podia chegar até a sala!... Que força, que mola estranha deu vida ao cadáver? Foi Deus. O Deus de Lázaro sustentou-me nesse instante em que a amizade acompanhou-me.

.....
E custou-me bem aquele último abraço a bordo, à tarde, quando o vento do mar começava a trazer não sei que tristeza do frio das vagas, quando uma nova peregrinação de penitência começava. — Custou muito. Custou como agora, que eu estou lembrando-me do passado, do tempo em que eu sofri, mas no qual a cada dor, que me lacerava, tinha uma mão de amigo para apertar. Seis meses vividos na comunhão mais santa — na comunhão do pensamento, seis meses em que a minha cabeça desfalecida encontrava sempre um bom coração — onde repousar... — Lembra-se das noites de 30 de março e primeiro de abril? Foi a afecção que me salvou. — Mas para que desfiar este rosário santo de saudades e gratidão? Falemos da viagem. Foi boa, ou antes sofrível. O vapor jogava